

PSICOLOGIA CLINICA SOCIAL NA ESTEIRA DA PSICOHIGIENE E DA PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

TANIA AIELLO-VAISBERG

O uso da expressão Psicologia Clínica Social surgiu, entre nós, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no início dos anos noventa, quando foi fundado o Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social. Convocada a criar um laboratório, busquei formar uma parceria com a falecida professora Arakcy Martins Rodrigues, que circulava com desenvoltura e extraordinária competência pelos campos da psicanálise e da psicologia social. Nossa intenção era a de consolidar uma iniciativa interdepartamental, na qual se uniriam o Departamento de Psicologia Clínica com o Departamento de Psicologia Social. A proposta logrou aprovação institucional, em todas as instâncias, mas não vingou por variados motivos, que não convém aqui elencar, mas que derivaram das complexidades da vida universitária. A associação se desfez, mas o laboratório persistiu. Como seu germe se encontrava no Departamento de Psicologia Clínica, este passou a acolhe-lo. Lamentei o afastamento da Professora Arakcy, mas meu entusiasmo não se arrefeceu, pois começara a perceber a potencialidade realizadora de um laboratório.

Há um detalhe interessante nesta história. Como iniciativa interdepartamental, o laboratório tinha sido inicialmente batizado como Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Social. Tornando-se instância vinculada unicamente ao Departamento de Psicologia Clínica, requeria uma nova denominação. Resolvemos esta questão acrescentando o adjetivo “clínica”, que originou a expressão Psicologia Clínica Social.

Assim, à primeira vista, tal expressão serviu, praticamente, para demarcar uma pertinência departamental. Entretanto, o termo se manteve, de fato, porque é feliz no sentido de traduzir um posicionamento frente à psicologia e à psicanálise, que tenho assumido desde minha formação. Esse consiste na adoção de uma perspectiva absolutamente convergente com a chamada psicologia concreta da conduta, com a psiquiatria e a psicologia institucional propostas por José Bleger (1958;1963;1966).

Poucos anos mais tarde, quando fui apresentada à Professora Jacqueline Barus-Michel, emérita do Laboratoire du Changement Social de l'Université de Paris 7, propositora de uma abordagem denominada Psicologia Social Clínica, que conjuga psicanálise, fenomenologia e sociologia, senti um certo prazer com a escolha que fizera para nomear o laboratório. O encontro com a Professora Jacqueline, que a princípio sinalizava uma possibilidade de estabelecimento de intercâmbio produtivo, não cumpriu as expectativas, na medida em que sua visão da psicanálise não se aproximava suficientemente da perspectiva concreta. Serviu, contudo, tanto para um enriquecimento trazido por uma amizade importante, fundada na admiração por uma pesquisadora notável, como para reafirmar minha afinidade com a visão blegeriana¹. Assim, de fato, vim a assumir a Psicologia Clínica Social como um referencial teórico que traduz um pensamento complexo que, felizmente, vem sendo reavaliado, atualmente, desde uma perspectiva histórica, por vários autores, dentre os quais cumpre destacar Dagfal (2009;2011). A partir desta base, contando com esclarecimentos metodológicos indispensáveis de Herrmann (1979), pude, contando com a participação daqueles que vieram a integrar o Laboratório, acrescentar uma animada interlocução com o pensamento de D. W. Winnicott, configurando aquilo que é hoje conhecido como o Estilo Clínico Ser e Fazer (Ambrosio,2013).

O PSICÓLOGO E A PSICOLOGIA DA CONDUTA

É interessante situar aqui, ainda que brevemente, o contexto no qual as ideias blegerianas acerca da psicanálise e da psicologia se desenvolveram. Com a queda de Juan Domingo Péron, em 1955, a Argentina passou a sofrer profundas mudanças culturais. Nesta época foram criadas novas carreiras universitárias, entre as quais a psicologia. A primeira escola de graduação em psicologia, instalada em 1956, na cidade de Rosario, incluía o ensino da psicanálise na grade curricular. A disciplina foi inicialmente oferecida a Pichon-Rivière. Este não aceitou o convite, mas indicou um discípulo, José Bleger, que efetivamente assumiu o posto (Dagfal, 2009; Picabea,2009).

¹ Não é, neste momento, irrelevante acrescentar que, a partir de minha aposentadoria e contratação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, tenha lá participado ativamente da criação, em 2003, do Laboratório de Psicologia Clínica Social, espaço institucional que divido atualmente com as colegas Vera Engler Cury e Tania Maria Marques Granato.

Deste o momento em que se tornou, além de médico e psicanalista, professor universitário, Bleger posicionou-se em termos bastante assertivos, defendendo com energia um certo perfil para o psicólogo clínico argentino. A formação deste novo profissional exigia, a seu ver, sólidos conhecimentos psicanalíticos, mas não se confundia com o processo de capacitação de psicanalistas clínicos, reservado à Associação de Psicanálise Argentina, da qual era membro. Em 1958, Bleger transferiu-se para a Universidade de Buenos Aires, para assumir as disciplinas Introdução à Psicologia e Psicologia da Personalidade para, algum tempo depois, assumir a cátedra de Higiene Mental (Picabea, 2009).

Por esta ocasião publicava *Psicoanálisis y Dialéctica Materialista* (Bleger,1958), apresentando o pensamento de Politzer (1928) com grande entusiasmo, na medida em que lhe permitia posicionar-se mais claramente diante do pensamento psicanalítico e preparar-se para a proposição do livro *Psicología de la Conduta* (Bleger,1963). Este último, dedicado ao mestre Pichon-Rivière (Picabea,2009; Dagfal, 2009,2011), corresponde a um alentado manual, onde, por meio de um admirável esforço, não desprovido de evidente erudição, articulou, de modo criativo e coerente, referências diversas, que incluem tanto Politzer (1928) como Marx e Engels (1933), passando, entre outros, por Fairbain (1945), Foucault (1954), Klein (1934;1946), Lagache (1949), Lewin (1936) e Merleau-Ponty (1945).

Na verdade, Bleger (1958;1963;1966) se devotou a mais de projeto ambicioso. Destacaremos aqui três que nos interessam mais de perto : 1) propor um específico modo de articulação entre psicanálise e marxismo; 2) lançar as bases de uma psicanálise intersubjetiva, que corresponderia não a uma metapsicologia fisicalista e sim a uma psicologia concreta; 3) definir um novo campo disciplinar bem como o perfil de um novo profissional, o psicólogo clínico, como agente de saúde mental pública. Os três estão profundamente interligados, de modo que seu posicionamento ideológico, que se definia fundamentalmente como profunda indignação contra todas as formas de injustiça social, levaram-no a sonhar com um novo profissional, comprometido com a saúde emocional da população, que estudaria psicanálise na universidade, para atuar em vertentes preventivas e interventivas (Talak,2004).

Estas propostas desagradaram tanto os comunistas como os psicanalistas, bem como alguns psicólogos. Resultaram, assim, em progressivo afastamento do Partido

Comunista Argentino, que culminou com sua expulsão², enquanto, por outro lado, fizeram-no alvo da frieza e descaso dos colegas psicanalistas. Além disso, provocaram críticas entre psicólogos que o acusavam de estar à frente de uma manobra que visaria, antes de mais nada, dissuadir levas de diplomados na nova carreira de concorrer, em termos mercadológicos, com os psicanalistas da Associação Argentina de Psicanálise. Esta última suspeita é compreensível sob um exame apressado e superficial, uma vez que permaneceu filiado à Associação mesmo quando, em 1954, seus membros decidiram tornar a psicanálise clínica uma prática privativa de médicos. Ora, para aqueles psicólogos que almejavam abrir consultórios particulares, a impossibilidade de tornar-se psicanalista correspondia ao desmoronamento de um sonho. Entendiam a atitude do professor como profundamente prejudicial, na medida em que não incentivava os psicólogos a se engajarem em reivindicações pelo direito de exercer psicanálise clínica, como filiados da Associação, a exemplo do que desde sempre vigorou e vigora, até hoje, no Brasil (Dagfal, 2009, Picabea,2009).

Tais reações não impediram Bleger (Picabea,2009) de empenhar-se, com grande energia e alta motivação, em aulas, na Universidade de Buenos Aires, que se tornaram memoráveis. Podemos ter uma boa ideia do que isto significou, e ainda significa, pelo fato do livro *Psicologia da Conduta* (Bleger,1963), manual de custosa leitura, ter-se tornado referência obrigatória não apenas nas faculdades de psicologia, como também no ensino médio argentino, sendo continuamente reeditado desde 1963 até os dias atuais.

Bleger (1966) defendia que a formação do psicólogo clínico deveria se fundamentar em conhecimentos psicanalíticos, o que estava longe de significar uma adesão ao pensamento freudiano, já que subscrevia as críticas de Politzer (1928) à metapsicologia clássica. A partir desse ponto chegou, inclusive, a avançar no sentido da proposição de uma psicanálise intersubjetiva, de ressonâncias claramente fenomenológicas, na qual o próprio conceito de inconsciente seria revisto sob forma de uma teoria de campo³.

² Dada a insuficiência de nossos conhecimentos acerca do pensamento marxista, acredito ser prudente renunciar a um exame em detalhe o modo como se articulam dialética materialista e psicanálise no pensamento blegeriano. Creio bastar, no momento e circunstância atual, a lembrança de que o marxismo se traduz, em seus escritos, tanto como pressuposto de que a própria história e realidade humanas se constituiriam como movimentos dialéticos, que progredindo contraditoriamente, como sob forma de indignação profunda contra a exploração e opressão das camadas subalternas da população.

³ Bleger (1963) declarou que propunha sua teoria de campos da conduta a partir das contribuições de Kurt Lewin, autor que fundamentou sua psicologia social na teoria da *Gestalt*. Entretanto, uma análise mais

Cabe, contudo, lembrar que os argumentos que usava para ensinar psicanálise para futuros profissionais, que não poderiam pleitear formação e filiação institucional na Associação Psicanalítica Argentina, eram teórica e ideologicamente sólidos, como mostraremos a seguir. Estar impedido de se tornar psicanalista clínico figurava, no contexto da visão blegeriana, como um subproduto irrelevante, face ao que claramente se encontrava na base da *démarche* do acadêmico, vale dizer a proposição de um profissional destinado ao importante campo da saúde mental pública:

“Quiero aclarar y subrayar que mi posición es la de que el psicólogo clínico, suficientemente preparado para ello, debe ser plenamente habilitado para poder desarrollar una actividad psicoterápica porque – entre otras razones – es actualmente el profesional mejor preparado, técnica y científicamente, para dicha tarea; pero al mismo tiempo creo que la carrera de psicología tendrá que ser considerada como un fracaso, desde el punto de vista social, si los psicólogos quedan exclusivamente y en su gran proporción limitados a la terapéutica individual (Bleger, 1966,p.24).

Na verdade, seu engajamento num projeto de transformação da sociedade, sob a forma de combate a desigualdades sociais, econômicas e políticas, encontrava-se na base daquilo que pensava sobre a profissão do psicólogo, visto como agente de mudança de condições que vieram a ser conceituadas, a partir da década de noventa, como sofrimentos sociais (Renault, 2004 e 2008; Kleinman, Das e Lock, 1997). Na visão blegeriana, o psicólogo clínico se destinaria a algo de maior envergadura do que a prática privada da psicanálise, aqui concebida como ofício absolutamente limitado:

“Cuándo afirmo la limitación social del psicoanálisis en cuanto terapia me refiero, exclusivamente, al hecho de que es utópico pretender formar tantos psicoanalistas como para que toda la población sea sometida a tratamiento psicoanalítico (Bleger, 1966, p. 135).”

cuidadosa revela claramente que também sofreu influências fenomenológicas, que não podem ser desconsideradas. (Sastres,1974).

Implicado ética e ideologicamente com a injustiça social, sensível às dificuldades concretas do viver, que inevitavelmente se acompanham por sofrimento, o autor não tinha de fato motivos para grande encantamento e entusiasmo com a prática clínica em consultório particular.

PSICANALISE E PSICOLOGIA DA CONDUTA

Por outro lado, no que tange especificamente ao método e às teorias psicanalíticas, o posicionamento de Bleger (1958;1963) apresenta certa complexidade, na medida em que as críticas do jovem Politzer(1928) seguiram reverberando ao longo de sua trajetória. Estas dirigem-se especificamente à teorização metapsicológica, mas consideram que a psicanálise apresenta inestimável valor como conhecimento compreensivo(1928)⁴. Mantendo esta perspectiva, Bleger (1958;1963) repudiou a *metapsicologia*, empenhando-se para propor uma *psicologia* da conduta. Assim, enquanto rejeita aquilo que considera como uma objetivação grosseira da vida emocional, parte para a proposição de novos conceitos, tais como conduta, campos⁵ da conduta, âmbitos da conduta, níveis da conduta, estrutura da conduta e outros, todos dotados de caráter dramático, intersubjetivo e próximo do vivido, que certamente derivam de influências fenomenológicas, que incluem principalmente Sartre (1943) e Merleau-Ponty (1945)⁶.

Um exemplo – bastante central – pode ser suficiente para dar ao leitor uma razoável visão do que aqui se encontra em jogo. Surge, assim, o conceito de inconsciente no texto blegeriano:

Desde las investigaciones de Freud, la diferencia y las relaciones entre consciencia e inconsciencia ocupan buena parte del interés de la psicología contemporánea. Introducidas, en un primer momento, como partes del aparato mental, han sido posteriormente consideradas – aun por el mismo Freud – como cualidades de la

⁴ Vale lembrar que o próprio Politzer era um intelectual profundamente engajado em lutas por transformação social (Michel Politzer,2013). Ao longo de sua trajetória, veio a desencantar-se com a psicanálise, cujo fim anunciou (Poltizer, 1939). Entretanto, Bleger (1958;1963) manteve-se fiel ao pensamento crítico e propositivo apresentado em 1928.

⁵ Chamamos a atenção para o fato de termos optado pela denominação “campos de sentido afetivo-emocional”, em nossos próprios escritos, para designar os campos da conduta.

⁶ Parece interessante destacar que parte significativa da obra merleau-pontyana ter chegado ao ser considerada uma teoria de campo (Tiemersma,1987).

conducta. Consciente e inconsciente no aluden a entidades ni sustancias, o que significa que no deben ser empleadas como sustantivos sino como adjetivos de la conducta. En general, pueden referirse directamente a la conducta o bien al sentido o motivación de la misma. Es importante tener en cuenta que la conducta es un proceso único y que, por lo tanto, es siempre en parte consciente y en parte inconsciente; las dos cosas al mismo tiempo. Lo inconsciente no es la fuente de la conducta ni tampoco lo único y verdadero de la personalidad. La conducta es un proceso para cuya totalidad se debe tener en cuenta todos sus aspectos y cambios, conscientes e inconscientes. Estos últimos no son el motor de la mente, como a veces se lo designa y tampoco la consciencia es algo superficial o secundario. La distorsión llega incluso a considerarlos como tipos de recipientes que contienen distintos elementos. (Bleger, 1963, p. 150).

Assim, o inconsciente blegeriano não corresponderia a uma zona ou região do aparelho psíquico onde se originariam as motivações da conduta. Na verdade, as condutas são vistas, por este autor, como algo que não se exterioriza unicamente a partir do psiquismo individual, mas como fenômeno que emerge a partir de campos psicológicos, cuja caráter é intersubjetivo, relacional, vincular. A metapsicologia é abandonada em prol de uma concepção segundo a qual a psicanálise seria nada mais nada menos do que uma psicologia – a mais completa e profunda (Bleger, 1963).

Não me alongarei aqui, numa exposição sobre as diferenças existentes entre a psicanálise metapsicológica e a psicologia psicanalítica da conduta, uma vez já que já dispomos de elementos suficientes para mostrar o quanto se afasta Bleger (1958;1963;1966) do freudismo. Basta, no momento, lembrar que eram precisamente a psicologia da conduta, e, posteriormente, a psiquiatria e psicologia institucional, as bases bibliográficas mais importantes de suas aulas. Esta era, precisamente, a psicanálise que ensinava. Assim, posicionando-se diante da psicanálise como uma psicologia, ou seja, como uma ciência que teria como objeto a conduta de seres humanos concretos, e de modo algum um inconsciente substantivado, veio a circunscrever um território prático que seria privativo do psicólogo:

En el psicoanálisis operativo se utilizan el conocimiento psicoanalítico en situaciones grupales, institucionales o comunitarias y tiene la ventaja sobre el psicoanálisis aplicado de que es posible utilizar la comprensión observando sus efectos. Metodológicamente se halla menos reglado y por eso resulta más complicado que el psicoanálisis clínico, pero con el se amplían los campos de investigación y de utilización

del psicoanálisis. Al respecto es útil aclarar que no existen fenómenos psicoanalíticos; en todo suceso intervienen seres humanos y, por lo tanto, se puede utilizar el psicoanálisis. El psicoanálisis operativo exige siempre un trabajo de campo y es por esta última exigencia que se lo debe también diferenciar de la especulación basada en conocimientos o teorías psicoanalíticas que constituye, esta última – una variante del psicoanálisis aplicado (especulación psicoanalítica sobre sucesos históricos, fenómenos tales como la guerra, etc) (Bleger,1977,p.123)

Nesta passagem, ao descrever o campo de atuação do psicólogo, Bleger (1977) admite que se trata de um contexto onde se pode “investigar e utilizar” a psicanálise, deixando claro, deste modo, que não se trata de mera aplicação de conhecimento, uma vez que as dimensões interventivas e investigativas seriam indissociáveis.

Articulando Bleger e Winnicott : O Estilo Clínico Ser e Fazer

Conjugam-se, no pensamento blegeriano, uma visão do inconsciente como campo psicológico, que faz da psicanálise uma psicologia, vale dizer, uma ciência em contínua construção. Deste modo, seguir suas indicações coincide com praticar, simultaneamente, o abandono da teorização objetivante e da prática elitista:

Sostengo que la transcendencia social del psicoanálisis reside fundamentalmente en su capacidad de ser un método de investigación de los fenómenos psicológicos⁷ que, como tal, aporta conocimientos valiosos sobre las leyes psicológicas que rigen la dinámica, tanto de la salud como de la enfermedad, y nos permite también comprender y valorar los efectos de determinados sucesos sobre la formación y evolución de la personalidad (Bleger, 1966, p. 172).

Esta visão blegeriana, quando combinada com a diferenciação, claramente estabelecida por Herrmann (1979), entre os planos do método e da técnica, descortina um novo entendimento da psicologia segundo uma abordagem psicanalítica. Voltado à pesquisa do significado inconsciente de produções imaginativas, palavras, atos e obras humanas, o método se colocaria em marcha quando o psicanalista assumisse um estado de desapego de ideias e teorias prévias para acolher a expressão subjetiva do outro, seja o paciente, seja o participante de uma pesquisa, seja um fenômeno social ou uma produção cultural. Entretanto, o que há de mais importante neste método é seu pressuposto, de fortes ressonâncias éticas, segundo o qual toda conduta seria

⁷ Os grifos são nossos.

compreensível, mesmo quando se apresenta de modo aparentemente absurdo e desprovido de sentido. Trata-se, portanto, de um método fundamentalmente interpretativo, cujo pressuposto implode a psiquiatria clássica como campo que se configurou discriminando manifestações de lucidez ou de insanidade a partir do “índice de não compreensão do observador” (Bercherie, 1980).

A asserção metodológica de que toda conduta seja compreensível não significa que, na prática, seja possível atingir e esgotar os significados afetivo-emocionais de toda e qualquer manifestação humana. Podemos não compreender todos os atos humanos, por insuficiência de conhecimentos acerca de acontecimentos e experiências vividas, mas isso não os torna inerentemente absurdos pois seguem fazendo parte do acontecer humano. Por outro lado, o fato do método ser interpretativo não significa que toda terapêutica psicanalítica gere benefícios por meio da enunciação de sentenças interpretativas, em estilos explicativo ou provocativo (Aiello-Vaisberg, 2003). Ou seja, se no plano propriamente metodológico, que é eminentemente investigativo, toda conduta é compreensível e, portanto, interpretável, no plano da técnica as opções interventivas são muitas. Assim se o enquadre freudiano padrão se pauta na interpretação, nas consultas terapêuticas, forjadas por Winnicott (1971), a posição do profissional, favorecendo uma experiência com o objeto subjetivo, vai por outra linha. Outros exemplos de diferentes procedimentos clínicos, pautados no mesmo método, são a orientação vocacional de Bohoslavsky (1984), na qual as interpretações são profundas mas pertinentes ao foco do atendimento, ou as oficinas psicoterapêuticas Ser e Fazer, nas quais a integração é favorecida pelo *holding*.

Na verdade, é importante destacar que os enquadres clínicos diferenciados, que são hoje conhecidos como Estilo Clínico Ser e Fazer (Aiello-Vaisberg, 2003 e 2004; Ambrosio, 2013), e incluem as oficinas psicoterapêuticas, puderam ser concebidos justamente a partir da distinção entre método e procedimentos clínicos. Diferenciando método e técnica, com as recomendações blegerianas em mente, chegamos a configurar uma psicologia clínica social inspiramo-nos no pensamento de D.W. Winnicott (1962; 1964; 1965).

Na clínica Ser e Fazer, o plano interventivo se concretiza fundamentalmente por meio do *holding*, cuja modulação tem como horizonte a apreensão experiencial dos campos de sentido afetivo-emocional que sucessivamente se constelam no encontro. Não há valorização de sentenças interpretativas, uma vez que não acreditamos que um saber

sobre si tenha, por si só, poder de colocar transformações de *self* em marcha (Aiello-Vaisberg,2003). Por outro lado, não se praticam formas de sustentação sem buscar compreensão clara dos sentidos afetivo-emocionais a partir dos quais se conjuram os campos transferenciais. Ou seja, segundo este estilo clínico, a interpretação, enquanto produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional, é um guia para compreensão profunda, que se harmoniza com intervenções delicadas, sob a forma de sustentação apropriada às necessidades, aspirações e exigências emocionais em jogo. Aqui segue vigorando uma visão segundo a qual o pilar fundamental da psicanálise residiria na compreensão, que relaciona os fenômenos da conduta com os campos relacionais nos quais emerge (Bleger, 1977).

Sem abrir mão do método psicanalítico, os enquadres diferenciados se constituem seguindo paradigmaticamente o jogo do rabisco (Winnicott, 1964;1965). Neste sentido, articulam-se ao redor de recursos mediadores, tais como as materialidades das oficinas ou o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, usado em pesquisas organizadas ao redor de entrevistas individuais ou coletivas. Tais recursos equivalem a “rabiscos”, na medida em que favorecem a comunicação emocional.

Se nos mantemos fiéis ao método, podemos ser inventivos na clínica, propondo enquadres adaptados às necessidades de indivíduos e coletivos. Podemos, assim, ser psicanalistas fazendo o que é mais apropriado à situação, como recomendava Winnicott (1962). Claro que, nesta perspectiva, ser psicanalista está longe de significar filiação a esta ou aquela sociedade, ou até mesmo de estar capacitado a realizar atendimentos individuais no enquadre padrão. Ser um psicanalista consiste, mais precisamente, em abraçar uma forma de abordar fenômenos humanos que não pode ser vestida e despida, porque corresponderá a aderir a uma certa antropologia, a uma certa psicopatologia e a uma ética de caráter inclusivo. Então, cabe falar, neste contexto em *apropriação* metodológica e nunca em *domínio* metodológico, em capacidade e não em mera competência (Botelho-Borges e Aiello-Vaisberg,2011).

Acredito que Winnicott (1971) usou, certa vez, uma imagem feliz quando comparou o uso do jogo do rabisco à arte do violoncelista, diferenciando o domínio da técnica do fazer música. Proponho, aqui, repensar este exemplo de outro modo, lembrando que talvez o fundamental, para o músico, não seja nunca o domínio técnico mas o estabelecimento de uma relação íntima e familiar com o instrumento. Quando se é instrumentista de verdade, quando o fazer música é espontâneo, os exercícios musicais

acontecem porque é grande a vontade de estar interagido com o instrumento e jamais o contrário. Deste modo, o instrumento torna-se um prolongamento do *self*.

Ora, o instrumento do psicanalista é o método, do qual deve poder se apropriar, para que se torne um “ser e fazer”, que lhe permitirá inclusive “ser um psicanalista fazendo outras coisas”, que já não coincidem unicamente com o atendimento individual do paciente neurótico, usando o enquadre freudiano padrão. Muitas outras atividades poderão ser realizadas pelo psicanalista, sejam elas consultas terapêuticas, pesquisas qualitativas, intervenções psicofiláticas, ou aquilo que for mais adequado à situação.

Referencias Bibliográficas

- AIELLO-VAISBERG,T.M.J. (2003). Ser e Fazer: Intervenção e Interpretação na Clínica Winnicottiana. *Psicologia-USP*, 14 (1), 95-128.
- AIELLO-VAISBERG,T.M.J. (2004). Ser e Fazer: Enquadres Diferenciados na Clínica Winnicottiana. São Paulo: Ideias e Letras.
- AIELLO-VAISBERG,T.M.J. E MACHADO,M.C.L. (2008). IN J. Monzani e Monzani. São Carlos, Editora João e Pedro.
- AMBROSIO, F.F. (2013). O Estilo Clínico ‘Ser e Fazer’na Investigação de Benefícios Clínicos de Psicoterapias Tese de Doutorado. Campinas, PUC-Campinas.
- BERCHERIE, P. (1980) Histoire et Structure du Savoir Psychiatrique. Paris, L’Harmattan, 2004.
- BLEGER, J. (1958) Psicoanálisis y Dialéctica Materialista. Buenos, Nueva Vision,1988.
- BLEGER, J. (1963) Psicología de la Conducta. Buenos Aires, Paidós, 2001.
- BLEGER, J. (1966) Psicohigiene y Psicología Institucional. Buenos Aires,Paidós,2004
- BLEGER, J. (1977). Cuestiones Metodológicas del Psicoanálisis. In D. Ziziemsky Métodos de Investigación en Psicología y Psicopatología. Buenos Aires, Nueva Vision.
- BOHOSLAVSKY, R. (1984). Orientación Vocacional: La Estrategia Clínica.Buenos Aires, Nueva Vision.

- BOTELHO-BORGES, Andrea de Arruda and AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. (2011). Desenvolvimento de capacidades e gestualidade espontânea. *Paidéia*, vol.21, n. 49, pp. 257-262.
- DAGFAL, A. (2007). La Carrera de Psicología de la UBA Cumple 50 Anos. *Psicobodas de Oro*. Pagina/12.
- DAGFAL, A. (2009). Entre Paris y Buenos Aires: La Invención del Psicólogo (1942-1966). Buenos Aires, Paidós.
- DAGFAL, A. (2011). *Psychanalyse et Psychologie: Paris – Londres – Buenos Aires*. Paris, Campagne Preimière.
- FAIRBAIN, W. R. D. (1952) *Psychoanalytic Studies of the Personality*, London, Routledge,1994.
- FOUCAULT. (1954). *Maladie Mentale et Psychologie*. Paris, PUF.
- HERRMANN, F. (1979) *O Método da Psicanálise*. São Paulo, EPU.
- KLEIN,M. (1934). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. *The Writings of Melanie Klein* New York: The Hogarth Press,1980.
- KLEIN, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. *The Writings of Melanie Klein* New York: The Hogarth Press,1980.
- KLEINMAN, A., VEENA DAS E LOCK,M.(orgs) (1997). *Social Suffering*. Berkeley. University of California Press.
- LAGACHE, D. (1949) *L'Unité de la Psychologie*. Paris, PUF, 2013.
- LAPLANCHE, J. E PONTALIS, J.B. (1967). *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris, PUF.
- LEWIN,K. (1936) *Principles of Topological Psychology*. New York, Munshi Press, 2007.
- MARX,K. E ENGELS, F. (1933) *Idéologie Allemande*. Paris, Oeuvre du Domaine Publique, Kindle, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945) *Phénoménologie de la Perception*. Paris, Gallimard,1976.
- PICABEA, M.L. (2009) *Bleger: Las Batallas de un Hombre en Construcción*. Buenos Aires, Capital Intelectual.

- POLITZER, G. (1928) Critique des Fondements de la Psychologie. Paris, PUF,1974.
- POLITZER, G. (1939) La Fin de la Psychanalyse. Ecrits 2 Les Fondements de la Psychologie. Paris, Editions Sociales,1973.
- POLITZER, M. (2013). Les Trois Morts de Politzer. Paris, Flammarion.
- RENAULT, E. (2004) L'Expérience de l'injustice. Reconnaissance et clinique de l'injustice. Paris, La Découverte, Kindle, 2013.
- RENAULT, E. (2008). Souffrances Sociales: Sociologie, Psychologie et Politique. Paris, La Découverte.
- SARTRE, J.P. (1943) L'Être et le Néant. Paris, Gallimard,1976.
- SASTRE, C.L. (1974). La Psicología, Red Ideológica. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.
- TALAK, A. M. et al. (2004). Novedad y Relevancia en la Historia del Conocimiento Psicológico: Anuario de Investigaciones vol.12, 305-313.
- TIEMERSMA, D. (1987). Merleau-Ponty's philosophy as a field theory: Its origin, categories and relevance. Man and World, 20, 419-436.
- WINNICOTT, D. W. (1962) Os Objetivos do Tratamento Psicanalítico. In: O ambiente e os processos de maturação. Trad I.C.S.Ortiz Porto Alegre: Artes Médicas, p. 152-155, 1983.
- WINNICOTT, D. W. (1964) O Jogo do Rabisco. In: C.Winnicott, R. Shepherd e M. Davis (org) Explorações Psicanalíticas. Trad.J.O.A.Abreu Porto Alegre: Artes Médicas, p. 230-243, 1994.
- WINNICOTT, D. W. (1965) O valor da Consulta Terapêutica. In: n: C.Winnicott, R. Shepherd e M. Davis (org) Explorações Psicanalíticas. Trad.J.O.A.AbreuExplorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, p.244-248, 1994.
- WINNICOTT, D. W. (1971) Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil. Trad. J.M.X. Cunha. Rio, Imago, 1984.